

# INTERVENÇÃO INTERCULTURAL NO ESPAÇO PÚBLICO

ESCRITAS NO PERCURSO DO IDENTIDADES . MOVIMENTO INTERCULTURAL

José Carlos de Paiva e Rita Rainho (org.)

**INTERVENÇÃO INTERCULTURAL EM ESPAÇO PÚBLICO**  
ESCRITAS NO PERCURSO DO IDENTIDADES . MOVIMENTO INTERCULTURAL

José Carlos de Paiva e Rita Rainho (org.)  
Edição: i2ADS – nEA  
Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

1ª edição, Porto, dezembro de 2013  
ISBN: 978-989-730-031-8

Paginação: Ana Reis



## ÍNDICE

- 1** PAIVA, José Carlos de — PÁGINA ZERO . DA ORGANIZAÇÃO
- 5** RAINHO, Rita — MIOLO
- 8** FARIAS, Pedro Américo de — ARTE PÚBLICA (COMO QUEM PERGUNTA):  
PERNAS, PRA QUE TE QUERO?
- 11** SCHIAVON, Chiara — MIGRACIONES PROMISCUAS + TESTIMONIOS  
COLECTIVOS
- 37** CRUZ, Carla — *demoCRACY*: ANÁLISE DE UM GESTO ARTÍSTICO À LUZ  
DA NOÇÃO DE AGONISMO DE CHANTAL MOUFFE
- 64** CASTRO, Ricardo — O JOGO
- 67** CORTÉS, José Miguel G. — ESPACIO PÚBLICO Y MEMORIA
- 82** GUERRILLA GIRLS — TRANSGRESSIVE STRATEGIES OF THE GUERRILLA GIRLS

## EM DEFESA DO DESCONFORTO, PELA ARTE DO CONFRONTO

A decisão de organizar e publicar este livro decorre da persistência nos debates que cruzam a acção do ‘movimento intercultural IDENTIDADES’ sobre a natureza e sentido da implicação de artistas e estudantes de arte em intervenções interculturais em espaço público, realizados em territórios precisos e em cumplicidade com as populações que lhes conferem identidade. São intervenções reais, onde se buscam entendimentos sobre as tensões que povoam a arte e a educação artística, neste tempo angustiante de injustiça e exclusão onde vivemos e perante a incapacidade das ‘escolas de arte’ se soltarem das amarras ao conformismo dos discursos hegemónicos que adormecem o ‘campo da arte’ no elogio do mercado, na institucionalização da cultura, no isolamento dos autores e no esforço de ‘educação’ dos públicos.

Esta decisão de reunir um grupo de textos num livro não persegue nenhuma intenção de consagração, bem pelo contrário, parte da declaração de descontentamento e do sentimento de incompletude dos envolvidos neste ‘movimento’ que não são capazes de estabelecer uma narrativa clarificadora, a não ser anunciadora das tensões que as acções realizadas e os debates promovidos desencadearam.

O historial de realizações é imenso (Bairro de Hulene, na periferia urbana de Maputo, em Moçambique; aldeia piscatória de S. Pedro em S. Vicente, Cabo Verde; comunidade de Conceição das Crioulas, no sertão pernambucano, no Brasil; vila de Amareleja, no Alentejo, Portugal, como exemplos significativos), e as aprendizagens individuais que cada um construiu, nesses férteis terrenos de partilha de arte, saberes, paladares, emoções e desejos, incorporam hoje a estrutura autoral e identitária de cada um. Essa possibilidade de crescimento individual, aberto que os eventos fornecem, é recompensatória em si e remete para a vivência de cada um, o relacionamento com a tensão epistemológica criada e com os questionamentos conceptuais criados, a gestão do incompreensível que se apresenta e do indizível que espreita. Mas, todos sentem vontade de procurar o conforto da troca de opinião, da reflexão partilhada, da análise digerida, sobre a natureza do artístico e do político, sobre os campos da intervenção artística ou de intervenção política, sobre o desinteresse em ‘levar a arte’ às comunidades, ou mesmo, num acto de suspensão

## PÁGINA ZERO . DA ORGANIZAÇÃO

PAIVA, JOSÉ CARLOS DE

INSTITUTO DE  
INVESTIGAÇÃO EM ARTE,  
DESIGN E SOCIEDADE  
(I2ADS/FBAUP)

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO  
ARTÍSTICA

do autoral, criar espaços de cumplicidade e intervenção partilhada com o artístico, e cúmplice com as populações no espaço público.

O 'movimento intercultural IDENTIDADES', através de alguns dos seus participantes, investigadores do i2ADS (Instituto de Investigação em Arte, Cultura e Sociedade), inundou o seu 'núcleo de Educação Artística' das tensões vivenciadas no quadro das intervenções interculturais realizadas, criando uma reconhecida urgência na pesquisa das questões que, dessa acção, inundam o entendimento da arte e da educação artística.

Esta edição do i2ADS/nEA, pretende colaborar, com a modesta presença deste livro com colaborações soltas, numa maior evidência das ideias que irradiam nas discussões, das sobreposições de frases ouvidas.

São saberes ténues que se soltam de quem há mais de uma década está implicado em intervenções interculturais em espaço público, de natureza artística, estabelecidas por deslocação para proximidades e intimidades com comunidades diversas. São deslocações que se tornam permitidas por uma prévia conquista comum de confiança, que se aloja num conhecimento recíproco conquistado pelo tempo e que permite a cumplicidade. Esta particularidade, de estabelecimento de relações de cumplicidade, dilui os interesses particulares no envolvimento nas lutas das comunidades, elege o colectivo como escola de aprendizagem, torna o valor da 'dádiva' usual e translada para os processos de partilha a evidência intercultural do que se realiza. Assim se partilha o 'movimento intercultural IDENTIDADES', que perdendo a nacionalidade se torna ele próprio sem fronteiras, barco de deriva de quem com ele se quer deslocar, sair do conforto de quem-já-sabe, para o confronto de saberes e de sonhos, descoberta de possibilidades.

A maturidade deste 'movimento intercultural' com quinze anos de presença constante em geografias distintas (Ilhas do Norte de Cabo Verde, Nordeste do Brasil e Sul de Moçambique, Portugal) e pertença a comunidades e entidades educativas, fornece uma salutar percepção da sua incompletude, do seu campo de hesitação, percepções que ampliaram o desejo de provocar a discussão. Neste livro reúne-se um conjunto de textos, de autores que viveram o ocorrido e outros 'convidados', sem nenhuma procura de coerência, apenas como um esforço para um esclarecimento possível de

## INTERVENÇÃO INTERCULTURAL EM ESPAÇO PÚBLICO

encontrar, no cruzamento das escritas com os momentos dos leitores, com a memória de suas experiências, no desejável desconforto da confrontação com os sentidos com que cada um se escreve enquanto sujeito.

A força que se pretende libertar, da escrita, da leitura, da re-leitura, ou do esquecimento, não se quer inócua, mas sim capaz de provocar aqueles artistas, professores de arte, curadores, programadores, mediadores, que aderem confortavelmente à atracção dos dispositivos de regulação e de legitimação do artístico; que preferem posturas burguesas da comodidade e do lucro financeiro; que se associam a 'interesses de políticos instalados' e que com o seu trabalho os legitimam.

Pretende-se distância de outras posturas, outros sim pela escolha por um caminho de 'dádiva-de-si', de implicação nos problemas de populações exemplares na luta pelo desenvolvimento sustentado nos recursos endógenos, de atenção ao aberto que se apresenta, às aprendizagens que se possibilitam.

Defende-se o desconforto, a crítica aos valores hegemónicos em favor do debate agonístico e antagónico, prefere-se a arte promíscua com o político e não o agasalho da neutralidade ou do 'sem sentido'. Prefere-se a 'suspensão do artístico', a aprendizagem da impotência da arte e a sua potência, que transforma cada colectivo em construtores de invisibilidades artísticas e de realidades inventivas que têm utilidade para a inteligência e para a vida.

Defende-se a atenção para com os pobres, os excluídos, os esquecidos, os sem-nome-nem-terra, os sem-trabalho-e-sem-esperança. Prefere-se o conhecimento angustiante e violento ao esquecimento e complacência.

Defende-se a proximidade a comunidades em luta pelos seus direitos e interesses, os que assumem a sua voz e se apresentam, e com a sua força e optimismo de sobrevivência nos ensinam os sabores e os aromas da partilha, a nossa limitação e nos permitem combater a arrogância ocidental e machista que transportamos, inevitavelmente.

dezembro de 2013  
José Carlos de Paiva